



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)



# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

Aline Ferreira Antunes  
(Organizadora)

**Editora Chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Assistentes Editoriais**

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto Gráfico e Diagramação**

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

**Imagens da Capa**

Shutterstock

**Edição de Arte**

Luiza Alves Batista

**Revisão**

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial**

**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Instituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobbon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais  
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional  
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia  
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais  
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco  
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná  
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas  
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília  
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa  
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia  
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases  
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina  
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás  
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí  
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein  
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora  
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas  
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará  
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo  
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás  
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina  
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro  
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza  
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College  
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará  
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social  
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay  
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR  
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe  
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná  
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz  
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas  
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos  
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo  
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior  
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo  
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará  
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie  
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos  
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa  
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba  
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco  
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão  
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana  
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo  
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em  
história 2

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
**Bibliotecária:** Janaina Ramos  
**Diagramação:** Luiza Alves Batista  
**Correção:** Mariane Aparecida Freitas  
Giovanna Sandrini de Azevedo  
**Edição de Arte:** Luiza Alves Batista  
**Revisão:** Os Autores  
**Organizadora:** Aline Ferreira Antunes

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

P737 Pluralidade de temas e aportes teórico-metodológicos na pesquisa em história 2 / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-907-3

DOI 10.22533/at.ed.073211903

1. História. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br

## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

## APRESENTAÇÃO

O livro *Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Metodológicos na Pesquisa em História 2* está dividido em três volumes. Todos os capítulos tratam de temas relacionados à história do Brasil e ou geral.

Organizado em grandes temáticas, as obras trazem discussões sobre história, gênero e sexualidade; ensino de história em todos os níveis (educação infantil, educação básica e ensino superior); pesquisas historiográficas; capítulos sobre lutas pela terra no Brasil; estudos sobre gastronomia (brasileira e árabe); cinema; economia; imprensa; raça; memória; narrativas pessoais e estudos de personalidades; tecnologia; história e ciência, dentre outras temáticas.

Em suma a obra é uma grande possibilidade de descobrir o que se tem de novo e de velho na História, ou seja, os mais diversos trabalhos e temas pesquisados na historiografia.

No volume I encontramos artigos sobre o século XIX e XX no Brasil a respeito do nacionalismo, a construção da sociedade imperial e pensar a identidade nacional a partir de processos migratórios.

Além disto, capítulos dedicados a estudos com fontes de atas de conselhos em Sergipe, problematizações sobre o tráfico africano, fontes cinematográficas, testamentos e até mesmo fontes utilizadas para compreender o reinado de Ramessés III no Egito.

Por fim o primeiro volume se encerra com dois artigos sobre a Idade Medieval, um tratando de Beowulf e outro da Cocanha.

Já no volume II as temáticas mais amplas abarcam pesquisas sobre ensino de história, alguns trabalhos sobre história geral e também gastronomia. Iniciando com trabalhos sobre o PIBID e práticas avaliativas, o segundo volume traz capítulos que versam sobre a construção do processo ensino aprendizagem em História, refletindo sobre os desafios e algumas perspectivas. Além disto, um capítulo sobre a BNCC, atual e articulado às discussões presentes partindo da realidade posta na rede pública.

Em um segundo momento, o volume II traz amplas contribuições a respeito do ensino sobre a África em sala de aula bem como questões étnico-raciais e narrativas em disputa.

Seguindo o modelo do primeiro volume, este se encerra trazendo capítulos que versam sobre as mais diversas fontes de pesquisa em História, como arquivos públicos, periódicos, imprensa, literatura,

O livro termina com algumas reflexões a respeito da história da ciência e pesquisas sobre gastronomia.

O volume III dedica-se a reflexões sobre gênero em sala de aula, representações do feminino, o retrato da mulher na sociedade colonial brasileira, a insubmissão feminina e discursos contra hegemônicos e a sexualidade indígena. Este último capítulo faz a ponte com o tema seguinte: disputas sobre a terra no Brasil e na América do Sul.

Em seguida você encontra capítulos sobre religiosidade, sobre a arte de curar, história e memória e história oral. O livro encerra com artigos sobre a Ditadura civil militar no Brasil (1964-1985) e uma discussão sobre a esquerda brasileira.

Em suma, você tem em mãos três obras organizadas sobre os mais diversos campos, aspectos e áreas da historiografia brasileira e mundial. Aqui você encontrará capítulos que poderão contribuir para enlanguescer as pesquisas em História e também a partilha de experiências docentes nos mais diversos níveis de educação.

Espero que encontre nas leituras dos capítulos embasamento teórico metodológicos, amparo nas pesquisas e que esses capítulos contribuam para enriquecer o campo de ensino e pesquisa em História.

Agora que a profissão historiadora/historiador é regulamentada, precisamos investir ainda mais em pesquisas e divulgação destas pesquisas. Neste sentido a Atena Editora se compromete a dar visibilidade aos mais diversos temas que compõem esta obra dividida em três volumes.

Boa leitura!  
Aline Ferreira Antunes

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
PROFISSÃO CONTÁBIL E PODERES PÚBLICOS: CONTABILIDADE DO SETOR PÚBLICO E PROFISSIONALIZAÇÃO (1914-1926)	
Adelino Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0732119031	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>14</b>
INDÚSTRIA, TERRITÓRIO E CULTURA: UM ESTUDO DE CASO DO EMPRESARIADO NIPO-BRASILEIRO	
Adriano Amaro de Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.0732119032	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>29</b>
VINCULAÇÕES ENTRE ESTADOS E NACIONALISMO, E SEUS CONCEITOS NOS SÉCULOS XIX E XX	
Rafael Bassinello Paes de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.0732119033	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
“EXCELLENTÍSSIMO CONSELHO”: ECONOMIA E SOCIEDADE EM SERGIPE DEL REY NAS ATAS DO CONSELHO DE GOVERNO DA PROVÍNCIA (1824-1831)	
Damilis Silveira Viana	
DOI 10.22533/at.ed.0732119034	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>46</b>
O FENÔMENO DO TRÁFICO E PROIBIÇÃO DE ENTORPECENTES NO BRASIL DE 1890 A 2020	
Steven Adrian dos Santos	
João Victor Mendes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0732119035	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>56</b>
“INFLUÊNCIAS POLÍTICO, SOCIAL E ECONÔMICA, ABSORVIDAS DURANTE O PENSAMENTO PARA A CONSTRUÇÃO DE UMA OPÇÃO BRASILEIRA E IMPERIALISTA”	
Luis Claudio Reginato Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.0732119036	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>62</b>
ALTERIDADE E RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NOS PROCESSOS MIGRATÓRIOS	
Natalia Fioravanso Vieira Brizola	
DOI 10.22533/at.ed.0732119037	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>73</b>
ALGUMAS QUESTÕES SOBRE A PARTICIPAÇÃO CANADENSE NA REDE INTELECTUAL INDIGENISTA TECIDA EM TORNO DA REVISTA <i>AMÉRICA INDÍGENA</i>	

(1942-1960)

Natally Vieira Dias

**DOI 10.22533/at.ed.0732119038**

**CAPÍTULO 9..... 81**

A CONFORMAÇÃO DA ESCASSEZ DE ÁGUA NA BACIA DO RIO SANTA MARIA, MUNICÍPIO DE DOM PEDRITO: UMA CONTRIBUIÇÃO DA HISTÓRIA AMBIENTAL

Paulo José da Fonseca Pires

Elaine Prochnow Pires

**DOI 10.22533/at.ed.0732119039**

**CAPÍTULO 10..... 95**

NOTAS SOBRE O CINEMA BRASILEIRO DA “HEGEMONIA NEOLIBERAL” - 1992-2015

Peterson Soares Pessôa

**DOI 10.22533/at.ed.07321190310**

**CAPÍTULO 11 ..... 106**

“DAVID GRIFFITH’S MASTERPIECE” E OS AFRO-AMERICANOS: UMA ANÁLISE ACERCA DA RECEPÇÃO DA POPULAÇÃO NEGRA NORTE-AMERICANA DA OBRA CINEMATOGRAFICA 'O NASCIMENTO DE UMA NAÇÃO'

Carlos Vinícius da Silva

Larieli Ceron de Lima

Marcos Alves de Souza

**DOI 10.22533/at.ed.07321190311**

**CAPÍTULO 12..... 116**

COMPREENDENDO O REINADO DE RAMESSÉS III PARA ALÉM DE MEDINET HABU: BREVE ANÁLISE DE TRÊS DOCUMENTOS ESSENCIAIS

Arthur Rodrigues Fabrício

**DOI 10.22533/at.ed.07321190312**

**CAPÍTULO 13..... 134**

A QUESTÃO DA EXPLICAÇÃO EM HISTÓRIA: A CRÍTICA DE WILLIAM DRAY AO MODELO NOMOLÓGICO-DEDUTIVO DE CARL HEMPEL

Jacquelyn da Silva Souza

Sara Albieri

**DOI 10.22533/at.ed.07321190313**

**CAPÍTULO 14..... 141**

A HISTÓRIA SERIAL NOS ESTUDOS SOBRE A MORTE: REFLEXÕES ACERCA DOS TESTAMENTOS PAULISTAS (1592-1639)

Victor Mauric

**DOI 10.22533/at.ed.07321190314**

**CAPÍTULO 15..... 149**

UM BALANÇO HISTORIOGRÁFICO SOBRE A PRESENÇA LUSITANA NO LESTE ASIÁTICO DO SÉCULO XVI

Marcus da Silva Dorneles

DOI 10.22533/at.ed.07321190315

**CAPÍTULO 16..... 157**

MAPEANDO O UNIVERSO DE BEOWULF: CONTEXTO HISTÓRICO-GEOGRÁFICO E GÊNERO LITERÁRIO

Vinicius Tivo Soares

Jaime Estevão dos Reis

Giovanni Bruno Alves

DOI 10.22533/at.ed.07321190316

**CAPÍTULO 17..... 168**

A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

Aline Ferreira Antunes

Flávia Cristina Paniago

DOI 10.22533/at.ed.07321190317

**SOBRE A ORGANIZADORA..... 182**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 183**

# CAPÍTULO 17

## A LITERATURA COMO FONTE HISTÓRICA: REPRESENTAÇÕES DO IMAGINÁRIO MEDIEVAL

*Data de aceite:* 01/03/2021

*Data de submissão:* 25/02/2021

### **Aline Ferreira Antunes**

Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação  
em Performances Culturais - Universidade  
Federal de Goiás (UFG)  
<http://lattes.cnpq.br/9327358239672893>

### **Flávia Cristina Paniago**

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação  
em Educação - Universidade Católica de  
Brasília (UCB)  
<http://lattes.cnpq.br/7913124200872503>

**RESUMO:** Esta pesquisa objetivou compreender a literatura como uma fonte histórica e documental a partir da breve apresentação do poema “Cocanha” a partir das perspectivas Hilário Franco Júnior, para assim, observar como é retratado o imaginário social e cultural da Idade Média no poema com destaque à abundância alimentícia, sexual, fartura, dentre outros exageros presentes na obra.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura, Idade Média, Imaginário, Cocanha.

### LITERATURE AS A HISTORICAL SOURCE: REPRESENTATIONS OF THE MEDIEVAL IMAGINATION

**ABSTRACT:** This research aimed to understand the literature as a historical and documentary source from the brief presentation of the poem “Cocanha” from the perspective of Hilário Franco Júnior, in order to observe how the social and cultural imagery of the Middle Ages is portrayed specifically in this poem, highlighting the abundance of food, sex, among other exaggerations present in this medieval poem.

**KEYWORDS:** Literature, Middle Ages, Imaginary, “Cocanha”.

### INTRODUÇÃO

Este trabalho foi desenvolvido na disciplina de História Medieval do curso de graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) como resultado de um seminário cuja temática foi a literatura e as representações de um imaginário idealizado. O objetivo do seminário era abordar a importância da literatura, o que ela possibilita aos pesquisadores/historiadores para o conhecimento de uma época, como ela passa a ser um objeto de pesquisa sobre determinado período histórico e de que modo a História e a literatura se encontram, (co)relacionam e misturam (mas sem perder suas peculiaridades), procurando entender o imaginário social e cultural do período.

Para aprofundar no tema iremos tratar o fabliaux *Cocanha*, com base no livro de Hilário Franco Júnior, que é foco principal dessa pesquisa, para explicar a ideia de que a literatura possibilita o entendimento de um período histórico, seja pelo dito ou pelo não dito. Por entendermos que as obras clássicas datam do período medieval podem ajudar a compreender em que moldes se estruturavam a sociedade.

## ANÁLISE DO *FABLIOUX COCANHA*

Partindo do pressuposto de que é possível utilizarmos a literatura para estudarmos um determinado período histórico, escolhemos como foco principal deste trabalho o poema da *Cocanha*.

A *Cocanha* é um país maravilhoso, que foi descrito pela primeira vez em 1142. Como o tema aparece entre meados dos séculos XII e XIII, precisamos compreender o que leva uma sociedade a divulgar um *fabliaux* que relata o contrário da realidade medieval. Esse é um momento de alto crescimento demográfico, com desenvolvimento das técnicas agrárias e artesanais, além de uma reurbanização para preparar as cidades para abrigar tantas pessoas migrantes do campo, com retomada da economia monetária que preparará o contexto para o capitalismo breve e emergente e também com avanços na cultura literária e artística.

Tudo isso somado levará ao crescimento do conjunto de costumes, leis, normas e regras para organizar e ordenar uma nova sociedade que se formava, fruto da Idade Média e geradora do capitalismo. Dentro desses temas, a *Cocanha* revela o desejo mais profundo do imaginário medieval: a valorização do ócio, a abundância, a eterna juventude (imortalidade) e, sobretudo a liberdade.

Para alguns autores ela faz parte da tradição folclórica, para outros, é um sonho compensatório ao nível dos estômagos, ou ainda, se trata de mito, utopia, ou ideologia; a primeira representação do mundo às avessas, e muitos a veem como paródica. Para a maior parte dos estudiosos, no entanto, a *Cocanha* é uma utopia. Arthur Morton defende que ela é uma utopia que “antecipou alguns dos mais fundamentais conceitos do socialismo moderno” (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 19), é a única utopia medieval (LE GOFF, Apud: FRANCO JUNIOR, H., 2010).

Sendo a utopia uma superação imaginária da realidade concreta, um produto do presente no qual é construída, um lugar que não existe, um lugar-nenhum, terra sem localização, temos que a *Cocanha* é classificada como um *fabliaux*, isto é, ela é uma narrativa que se fecha em uma lição de moral: “quem está bem não muda, pois pouco ganhará; eis o que o nos ensina o texto” (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 34). É recheada com características de tom satírico e crítico, se aproximando da poesia goliárdica.

A *Cocanha* está em certa medida calcada em referenciais da realidade concreta: “inverter uma ideia é reconhecer sua existência, é por outro caminho legitimá-la.” (JUNIOR,

H. F., 2010, p. 357), por isso é possível compreendermos a realidade medieval pela inversão dela, que é apresentada na literatura cocaniana.

Desse modo, o melhor caminho para entendermos as características e as funções daquela terra maravilhosa é acompanhar de perto, destrinchar o poema da Cocanha. O mesmo pode ser considerado um exemplo típico da utilização de lugares-comuns, de imitações, de empréstimos, de compilação, enfim, prática muito difundida nas elaborações literárias medievais, de um mosaico. (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 50).

## O MOSAICO COCANIANO

Já sabemos que o nome Cocanha surge em uma documentação pela primeira vez em 1142, mas na literatura, a palavra só aparece em um poema goliárdico<sup>1</sup> de 1164, que chama o líder de um grupo de beberrões de *abbasCucaniensis*.

A Cocanha como o “Maravilhoso”, era um contraponto ao cotidiano, exercia uma função compensatória em relação ao conhecido, ao previsível, ao regular, sendo assim, “uma forma de resistência à ideologia oficial do cristianismo” (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 27). É a recepção de outra cultura dentro daquela examinada, é o desejo proibido que se coloca na fronteira de dois sistemas culturais: o cristianismo e o paganismo. Em suma, “é sintoma da inquietação suscitada pela presença de outro em si mesmo”. Por isso o maravilhoso medieval, apesar de não ter relação com o cotidiano, estava totalmente inserido nele.

Algumas considerações são importantes para o estudo da Cocanha por duas razões: como notou Dominique Boutet, “todos os *fabliaux* repousam em certa medida no inverossímil, isto é, no fundo, na irrupção do excepcional no cotidiano” (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 27) e também porque como lembra Anita Guerreau-Jalabert, “todo estudioso deve ver o maravilhoso não como manifestação literária exótica, mas como elemento pleno de significação histórica e social” (GUERREAU-JALABERT apud FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 27). Assim como Hilário Franco (2010), entendemos a Cocanha como um mosaico, e esta montagem só foi possível graças às diversas peças que foram transmitidas oralmente, mesmo não sendo possível descobrir o início da transmissão destas histórias em diferentes lugares, linguajar e região.

Com o passar do tempo e também com mudanças na transmissão da Cocanha, altera-se também o modo como os autores a veem. Em meados do século V a. C., apareceram três antecedentes mais claros do poema: um dos textos dizia ter existido na Idade de Ouro riachos de vinho, pães que disputavam entre si para serem devorados pelos humanos, peixes que se dirigiam às suas margens, cotovias assadas que voavam em

---

1. Poesia trovadoresca que criticava. Satírica e moralista promovia a crítica às ordens monásticas, eram trabalhos escritos em “vernáculo para um público laico” (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 151), os poetas goliárdicos eram em geral membros da burguesia ou do campesinato. Os poetas goliárdos eram estudantes ou clérigos críticos em relação às aceleradas transformações de sua época.

direção às bocas e o outro texto falava de mesas que se punham sozinhas, garrafas que se inclinavam para servir seu conteúdo, peixes que se fritavam por iniciativa própria. Outro autor via a Idade de Ouro como época caracterizada por chuva de vinho e por árvores que no lugar de folhas tinha tripas de cabrito assadas e aves cozidas.

O autor do *fabliaux* inverte o prólogo dos provérbios bíblicos: Virgílio um dos autores pagãos mais conhecidos pelos medievais, que o consideravam um profeta cristológico, descrevia a Idade de Ouro como uma época em que a terra produzia sem cultivo plantas aromáticas, tais como o nardo e a colocásia, plantas alimentícias como o trigo e uva, e mesmo os animais eram especiais, como cabras que iam até as casas dos homens oferecerem seus úberes cheios de leite, e como carneiros de lãs coloridas. Poucas décadas depois, Ovídio descrevia aquela época mítica como uma eterna primavera: a terra que possibilitava abundantes colheitas sem precisar ser cultivada: corriam rios de leite e de néctar, as folhas das árvores destilavam mel. Um século mais tarde, Luciano retomava o tema e atribuía à Ilha dos Bem-Aventurados 365 fontes de água, 365 de mel, 500 de mirra, sete rios de leite e oito de vinho.

Textos do Antigo Testamento foram utilizados pelo autor do *fabliaux* da Cocanha não apenas de forma direta, mas também por inversão. O autor inverte irrisoriamente o prólogo dos provérbios bíblicos. Enquanto neste um homem maduro e sábio, supostamente Salomão, dá conselhos que pode “ensinar sagacidade aos simples, saber e reflexão ao jovem”, o texto da Cocanha nega essa sabedoria aos mais velhos. O texto bíblico recomenda modéstia: “não te consideres sábio a teus próprios olhos” (Pr 3,7); “não exaltes a ti mesmo” (Eclo 1,38), enquanto que o poeta do *fabliaux* aconselha o oposto: “é correto e lógico que apareça/A grande sabedoria que Deus me deu” (FC vv.4-5). O autor hebraico insiste longamente sobre a obrigação de se honrar o pai, o jovem poeta medieval afirma que todos os ouvintes de seu *fabliaux* devem honrá-lo (o narrador) como pai.

Enquanto os textos veterotestamentários recomendam a monogamia, o conto medieval propõe a liberdade sexual. O primeiro valoriza as virtudes da mulher, o segundo faz o contrário: afirma que as mulheres da Cocanha são muito belas e podem ser vistas e possuídas nas ruas da cidade. Enquanto o texto judaico ataca a ociosidade, o relato cocaniano exalta: “Quem mais dorme mais ganha”. Se para a moral bíblica somente o trabalho alimenta o homem, na Cocanha tudo está à disposição sem esforço. Isso demonstra a inversão sobre a moral judaico-cristã fundamentada no “refreia sua concupiscência”, enquanto que a moral cocaniana baseia-se no princípio do “satisfaz seu desejo”. (FRANCO JUNIOR, H., 2010, p. 38).

Também nas imagens de abundância, o *fabliaux* da Cocanha baseia-se na passagem bíblica, alterando sempre seu sentido para atribuir um caráter hedonista, como por exemplo, na opinião de Hilário (1998), ao substituir a chuva de maná, que Deus mandou ao seu povo durante a travessia do deserto em Êxodo, pela chuva de pudins que cai na no país imaginário, durante a quaresma.

Por fim, o *fabliaux* da Cocanha pode ser definido como um exemplo típico da utilização de lugares-comuns, de imitações, de empréstimos, de compilação de textos. A Cocanha resultou, portanto, no reaproveitamento de heranças multiculturais e plurisseculares, adaptadas pelo poeta anônimo e sua relação com seu presente histórico. Por isso, o melhor caminho para tentar entender as características e as funções daquela terra maravilhosa é acompanhar de perto a construção do poema (em termos de literatura mesmo – articulações literárias - e não somente contextualizar o mesmo histórica e socialmente).

## “NINGUÉM FICARÁ COM FOME”<sup>2</sup>

A comida nesta terra era abundante e seria possível uma história social comparada sobre o gosto alimentar por meio dos textos e iconografias sobre a Cocanha.

Enquanto para a versão medieval francesa as casas na terra maravilhosa são construídas com peixe e carnes (FC vv.31-35), no texto Italiano do século XVI “As paredes são de queijo pecorino/ De ricota elas estão pintadas”, há diferenças nas distinções da arquitetura de cada Cocanha mais são sempre similares na relação da grande abundância de comida. Como vimos anteriormente os temas se mantêm de um texto a outro, o que muda são apenas as disposições, as descrições (e suas formas de fazê-lo) dos mesmos. Também podemos perceber que a Cocanha se adequa ao local onde está inserida, à sociedade na qual é veiculada, tanto que será abordado brevemente como se dá a construção deste texto no Brasil, com características que são próprias deste país e de uma localidade específica.

Em suma, considerando somente a faceta alimentar deste país imaginário, é difícil estabelecer seu perfil psicológico, bem como o de seu autor, ou autores, mas uma coisa é fato: a abundância era sonho de todos os medievais, o que reafirma a ideia de um poema construído por muitas mãos e, conseqüentemente, muitos pensamentos diferentes.

## COCANHA: PARAÍSO DA OCIOSIDADE

A Cocanha não depende do trabalho humano, a ociosidade é a única atividade remunerada, “lá, quem mais dorme mais ganha” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 22), pode-se ser cavaleiro, conde ou rei conforme o grau de preguiça ou de habilidade com as comidas.

Por pressupor esforço produtivo, a moeda é desprezada “bolsas cheias de moedas estão jogadas pelo chão” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p.27), e por não haver comércio no país maravilhoso, onde ninguém compra nem vende, ela é desnecessária. Enquanto a economia ocidental da Idade Média Central monetarizava-se cada vez mais, a Cocanha permanece natural e autossuficiente. Lá, bens e serviços são tão abundantes que não tem valor algum de mercado, e podem por isso ser tomados gratuitamente a qualquer momento

2. Título original da música de Zé Vicente: Convite ao compromisso, a letra completa pode ser encontrada em: <https://www.vagalume.com.br/ze-vicente/convite-ao-compromisso.html>, acesso em 03 mar. 2021.

por qualquer pessoa. Todos habitantes são donos da riqueza local, com cada um podendo pegar tudo o que se quiser sem problema, sem oposição e sem proibição. E a certeza de que o país continuará sempre rico não estimula os cocanianos a praticarem a acumulação, a poupança, a avareza ou o roubo, daí as moedas estarem jogadas pelo chão, podendo ser encontradas sem esforço.

Ali é feriado e domingo todo dia, diferentemente do calendário litúrgico cristão, que ao especificar momentos de festa, legitima o restante do ano como sendo o tempo do trabalho. Como o trabalho implica hierarquia social, portanto submissão a pessoas e a regras, a inexistência do trabalho significa liberdade. Como o cotidiano define-se por contraposição aos momentos festivos em que ele é rompido, a sequência interrompida de festas na Cocanha cria uma indistinção do tempo. Ali o mês tem seis semanas, todo dia é feriado e domingo, cada festa do calendário cristão ocorre várias vezes por ano. Aparentemente as festas da Cocanha seguem o calendário litúrgico cristão, porém são quadruplicadas (quatro páscoas, quatro natais, etc.) para marcar seu caráter profano<sup>3</sup>. A associação de abundância alimentar, embriaguez e erotismo fazem da Cocanha uma festa, daí o relato sobre ela ter sido lido e ouvido, sobretudo em ocasiões festivas medievais.

O interesse do texto pela questão do trabalho reflete a importância que o tema ganhava no contexto dos séculos XII e XIII, quando vários debates procuravam reinterpretar o esforço produtivo diante das transformações sociais e econômicas da época. Contexto este do final da Idade Média de alto crescimento demográfico, desenvolvimento das técnicas agrárias e artesanais, reurbanização, retomada da economia monetária e avanços da cultura literária e artística. Tudo isso levará ao crescimento do conjunto de costumes, leis, normas e regras para organizar e ordenar a sociedade.

Diante do crescente prestígio do trabalho como valor social, diversos segmentos passaram a condenar a mendicância, interpretada então como forma extrema de preguiça. Lá, não é o trabalho que gera riqueza, é a ociosidade festiva que produz a abundância. Na terra maravilhosa a ociosidade, o viver sem atuação é contrapartida da atemporalidade, o viver sem mutação. O tempo inexistente na Cocanha, o tempo cocaniano parece ser o não tempo, a eternidade. A narrativa insiste no fato dos cocanianos não fazerem esforço sequer para aproveitar a fartura de sua terra. Ali os gansos assam-se sozinhos, as canecas, copos e taças dirigem-se por si sós até o riacho de vinho.

Enfim, os cocanianos passam a vida a comer, beber e fazer sexo. A orgia funciona como solidariedade comunitária, como sociabilidade que impede a desagregação grupal. Qualquer um, homem, ou mulher pode pegar outra pessoa, objeto de seu desejo e ter relações sexuais com ela independentemente de consentimento explícito. A liberdade sexual total não provoca nascimento na Cocanha para que a eterna festa não seja interrompida, pois a gravidez da mulher e o isolamento pós-parto do homem retirá-los-ia temporariamente da vivência festiva, além desse fator, a liberdade sexual também impossibilitaria a identificação da paternidade.

3. O simbolismo medieval via no número quatro uma expressão terrena, oposto ao caráter divino do número três.

## A COCANHA ENQUANTO AFIRMAÇÃO DA JOVIALIDADE

A abundância e a ociosidade da Cocanha, mencionadas anteriormente, podem ser plenamente gozadas por seus habitantes graças ao maior bem do país, a fonte da juventude, ou o rio da mocidade no caso da versão Brasileira (como se verá mais adiante). Ali as pessoas são sempre jovens e com isso podem aproveitar tudo que a Cocanha oferece, como gozar plenamente a abundância de comidas e de vinho, a ociosidade e a liberdade sexual, pois de nada adiantaria todo esse paraíso se não houvesse tempo (a eternidade) para gozá-lo.

A velhice opõe-se à juventude que é uma época fácil, alegre, na qual se é amado, já a velhice é dura, miserável, e se é desprezado. Ela é uma resposta imaginária ao contexto de baixa esperança da vida, estimada em 35 anos para a Inglaterra do século XIII. Graças à fonte, pode-se sempre ter trinta anos de idade, que indica o apogeu da condição física humana.

O *fabliaux* não especifica a forma de utilização do líquido da fonte maravilhosa, nem mesmo se o poder rejuvenescedor dela decorre de um determinado líquido (como por exemplo a água). Todos esses elementos na narrativa são como uma crítica social, uma agressão ao *status quo* da época, uma negação dos valores oficialmente aceitos. A guerra, por exemplo, é substituída pela ociosidade, o casamento dava lugar à liberdade sexual.

## LIBERDADE: TEMA CENTRAL DA COCANHA

A Cocanha além de ser o paraíso da juventude, da ociosidade e da abundância, é também, ou melhor, é *somente*, uma terra da liberdade (que não pode ser confundida com libertinagem), conforme colocado anteriormente. Este é um tema caro à Cocanha, central e fundamental para a compreensão desta terra sem leis e sem problemas sociais, injúrias, etc.

Pelo estudo da obra, podemos perceber como se estruturava a sociedade naquele período: com uma frequente e coercitiva proibição do sexo, da nudez em vários sentidos, o que leva a altos índices de prostituição e estupro, uma vez que a sexualidade era reprimida e veementemente controlada. Já na Cocanha, não há prostituição ou estupro, e nem amor cortês: “se o amor cortesão, suavemente erótico e confessadamente adúltero, é anticristão, o amor cocaniano é anticultural” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 146), isto é “respeita apenas os apenas os apelos da natureza” (Ibid., p. 146), mas pelo contrário: há liberdade sexual.

Mesmo havendo-a (a liberdade sexual) não percebemos qualquer menção por mais insignificante que seja, ao homossexualismo, mas

As mulheres dali são belas/ maduras e jovens/ cada qual pega a que lhe convém/ sem descontentar ninguém./ cada um satisfaz seu prazer/ como quer e por lazer/ elas não serão por isso censuradas/ serão mesmo muito mais honradas./ e se acontece porventura/ de uma mulher se interessar por um homem/ ela o pega no meio da rua/ e ali satisfaz seu desejo/ assim uns fazem a felicidade dos outros (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 27).

Por esse trecho transcrito é claro a liberdade sexual presente no imaginário país da Cocanha. A liberdade aqui exaltada se difere da compreensão da mesma pela Antiguidade Clássica e também pela modernidade, isto é, como direitos naturais, mas era tão somente vista como garantia de privilégios e imunidades. Na Idade Média, cada instituição, cada grupo social, cada indivíduo buscava sua própria liberdade de acordo com seus interesses, calcados em sua realidade e mediante suas necessidades. Nesse sentido a exaltação da liberdade era uma compensação às vicissitudes históricas vividas pelo povo.

Dos interesses de liberdade ali encontrados podemos destacar ainda, a liberdade alimentícia: havia comida e bebida em abundância - ali a gula não é pecado, liberdade econômica, por uma razão muito simples: como não havia a necessidade de se comprar ou vender ou trocar qualquer coisa, não era necessário também a existência de moedas, uma vez que tudo era dado pela natureza cocaniana: comida, bebida, vestimentas, parceiros sexuais (belos e bonitos), havia a fartura de tudo e “do bom e do melhor”. Também podemos destacar a liberdade religiosa, isto é, não há uma forte presença do cristianismo ou de Deus, ou de qualquer outra entidade transcendental, aliás, não há qualquer menção a ritos religiosos exceto para se criticar, como é o caso dos versos a seguir: “seis semanas tem lá o mês,/ quatro Páscoas tem o ano,/ e quatro festas de São João./ há no ano quatro vindimas/ feriado e domingo todo dia/ quatro Todos os Santos, quatro natais/ quatro Candelárias anuais/ quatro carnavais e Quaresma, uma a cada vinte anos.” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 25). As referências feitas às festividades cristãs são apenas para afirmar a ociosidade do país das maravilhas, para se dizer que lá há somente festas e feriados. “A Cocanha é anticristã, naturalista, hedonista, sem que isso signifique irreligiosidade.” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 140), ou seja, não há “uma ausência de valores religiosos, e sim de imposições religiosas” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 140).

Também há liberdade política (quase uma sociedade anárquica), já que não era necessário um governante: cada um tem o que precisa, não falta nada, nem mesmo um administrador geral para reger as normas sociais, pois na Cocanha não há normas gerais, não há necessidade de reis ou comandantes, cada um se regula sozinho, não há público ou privado, mas somente aquele. Por fim há a liberdade familiar, uma vez que não há velhos ou crianças, mortes ou nascimentos, e a liberdade sexual propicia um ambiente de orgias onde não exista família, mas cada um defina por seu/ sua parceiro/a conforme sua necessidade humana (chega a ser quase uma imagem animalesca de liberdade sexual). “A exaltação da liberdade pelo *fabliaux* da Cocanha era uma compensação às vicissitudes

históricas vividas pelo poeta anônimo e por seu público”. (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 138).

Podemos, em outro momento, inclusive, compararmos a Cocanha com toda essa liberdade ao movimento Hippie que se propagou pelo mundo no século passado, com toda manifestação cultural e artística, com o Woodstock e o lema “paz e amor” misturado ao culto/ contato a/com a natureza, à drogas e rock’n roll, mas deixemos este assunto para um trabalho posterior.

Para encerrarmos, um último levantamento a respeito da Cocanha será a versão brasileira do poema, por compreendermos que enquanto brasileiras é importante um levantamento dos desejos sociais do país (ou de uma determinada região) na época de divulgação deste poema, que tendo se propagado pelo mundo inteiro conforme suas necessidades, chega ao Brasil no Nordeste do país. Segundo Hilário Junior (1998) esse texto brasileiro foi publicado em cordel em folhetins divulgados em meados do século XX. Aqui ficou conhecida como terra de São Saruê, e foi a de maior sucesso e propagação de toda a América Latina.

Diferentemente das outras podemos observar que há aqui na narração uma identificação do personagem como Camilo e nas outras versões da Cocanha (de outros países), geralmente esse narrador-personagem não possui nome. Também aqui podemos perceber a presença de carros e cidade que não são mencionados em outros poemas, até mesmo pelo contexto histórico-social de construção e veiculação desta Cocanha. Além disso, as comidas mencionadas são típicas daqui: tapioca, beijus, rapadura, queijo. Isto posto, uma vez que não faria sentido se falar de comidas distantes do imaginário popular, ou seja, que não estão presentes no cotidiano da sociedade, mas sim naquilo que se deseja ter livre acesso quando bem desejar.

E o final é o mais surpreendente: o narrador-personagem diz que contará onde se situa o caminho para esse país imaginário a quem lhe comprar um “folhetim” o que nos permite inferir que seria até mesmo uma propaganda para o “jornal” que estava veiculando esse cordel já que vimos que o mesmo foi publicado em folheto. Talvez seja por essas singularidades que o poema Brasileiro ficou tão conhecido e popularizado como afirmou Hilário.

## PARA ALÉM DA LITERATURA



Figura 1: a Cocanha, de Pieter Bruegel

Fonte: M.GBSON Bruegel, Paris, Nouvelles Editions Française, 1980.

Para além da literatura, o maravilhoso país da Cocanha foi retratado também em pinturas que contribuem para a representação dela no imaginário popular.

O pintor foca em retratar a gula e a preguiça, dois dos sete pecados capitais, característicos dos cocanianos, como bem relata o livro de Hilário Franco Júnior (1998). Na pintura, pode-se observar que um funcionário (oficial de justiça), um camponês e um soldado cochilam deitados no chão, debaixo de uma mesa, cheia de comida e bebida parcialmente consumidas, fixada em uma árvore.

O livro do oficial de justiça, papéis e caneta estão ociosos, assim como a ferramenta do camponês, a luva e a lança do soldado. Um ovo comido pela metade, em sua casca, corre entre o camponês e o funcionário. Atrás da árvore, uma ave assada se encontra sobre uma bandeja de prata, dando a entender que está pronta para ser consumida, e um porco assado corre com uma faca já atravessada em seu corpo (pele), reforçando a ideia de comida à vontade.

À esquerda, um cavaleiro emerge de uma cobertura rústica cujo teto é coberto com pratos de torta e massas. À direita e atrás da cena principal, um homem segurando uma colher, força sua passagem por entre uma grande nuvem de pudim, e depois de ter comido o seu caminho através dele, pega um galho curvo de uma árvore a fim de baixar-se para dentro do país da Cocanha. A cerca que delimita a cena principal atrás do trio cochilando é feita de salsichas trançadas.

Toda a imagem é também parte da sensibilidade, representatividade e do imaginário medieval, está calcada nas concepções desta sociedade, que expressa na arte (seja ela a literatura ou a pintura) seus mais profundos desejos, suas mais fortes vontades.

## O CASO DE UZUPIO

Em nossa pesquisa, nos deparamos com um caso que se assemelha à representação concreta da Cocanha. Além das imagens cocanianas já citadas (na literatura, iconografia, etc.) há também a cidade de Uzupio<sup>4</sup>, distrito independente desde 1997, com apenas 60km<sup>2</sup>, próximo à cidade de Vilnius, na Lituânia. Seu nome significa “do outro lado de um rio”, em referência ao rio Vilnia, que banha o distrito. Possui bandeira, unidade monetária, presidente, constituição, e um exército próprios.

Por volta do século XVI judeus começaram a se mudar para lá, mas durante o holocausto foram dizimados pelos nazistas, deixando o distrito praticamente deserto. Com isso, suas casas abandonadas foram dando abrigos para pessoas marginais da sociedade lituana, como bêbados, mendigos e prostitutas.

Apesar da Constituição ser uma Cocanha, a realidade é diferente. Na lei todo mundo tem o direito à água quente, à morrer (mas não é uma obrigação), a cometer erros, direito de ser único/a, de amar, de amar e cuidar de gatos, de cuidar de cachorros até que ele ou o dono morra, de ser um cachorro, dentre outros direitos (e não direitos). De maneira jocosa a constituição da República de Uzupio se assemelha ao poema da Cocanha em sua essência.

---

4. Para saber mais sobre a cidade de Uzupio, consulte o site: <https://folhadomate.com/opiniao/columnistas/da-europa/republica-de-uzupio/> e também o blog <https://www.itinari.com/pt/the-republic-of-uzupis-undiscovered-district-of-vilnius-1nge>.

# CONSTITUTION

1. Everyone has the right to live by the River Vilnelė, and the River Vilnelė has the right to flow by everyone.
2. Everyone has the right to hot water, heating in winter and a tiled roof.
3. Everyone has the right to die, but this is not an obligation.
4. Everyone has the right to make mistakes.
5. Everyone has the right to be unique.
6. Everyone has the right to love.
7. Everyone has the right not to be loved, but not necessarily.
8. Everyone has the right to be undistinguished and unknown.
9. Everyone has the right to idle.
10. Everyone has the right to love and take care of the cat.
11. Everyone has the right to look after the dog until one of them dies.
12. A dog has the right to be a dog.
13. A cat is not obliged to love its owner, but must help in time of need.
14. Sometimes everyone has the right to be unaware of their duties.
15. Everyone has the right to be in doubt, but this is not an obligation.
16. Everyone has the right to be happy.
17. Everyone has the right to be unhappy.
18. Everyone has the right to be silent.
19. Everyone has the right to have faith.
20. No one has the right to violence.
21. Everyone has the right to appreciate their unimportance.
22. No one has the right to have a design on eternity.
23. Everyone has the right to understand.
24. Everyone has the right to understand nothing.
25. Everyone has the right to be of any nationality.
26. Everyone has the right to celebrate or not celebrate their birthday.
27. Everyone shall remember their name.
28. Everyone may share what they possess.
29. No one can share what they do not possess.
30. Everyone has the right to have brothers, sisters and parents.
31. Everyone may be independent.
32. Everyone is responsible for their freedom.
33. Everyone has the right to cry.
34. Everyone has the right to be misunderstood.
35. No one has the right to make another person guilty.
36. Everyone has the right to be individual.
37. Everyone has the right to have no rights.
38. Everyone has the right to not to be afraid.
39. Do not defeat.
40. Do not fight back.
41. Do not surrender.



@tanushri podder

Figura 2: constituição da República de Uzupio

Fonte: <https://perecivelaotempo.wordpress.com/tag/uzupio/>. Acesso em: 03 mar. 2021.

Após a Segunda Guerra Uzupio se tornou um local que possui casas mal conservadas, muitos bares, e é comum que pessoas alcoolizadas e malvestidas caminhem tarde da noite pelas ruas sinuosas, diferentemente da Cocanha onde todo mundo se veste de “linho nobre e pura seda”, camurça, couro... Assim como na Cocanha, pode-se perceber nesse distrito uma crítica social, uma agressão ao *status quo* local, uma negação dos valores oficialmente aceitos no restante do mundo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Cocanha é uma rica fonte para a história (e outras áreas também) e permite-nos um aprofundamento nos estudos sobre a sociedade medieval. Sobre o autor deste poema, chegamos à conclusão que são vários, conforme já dito anteriormente. A Cocanha é um mosaico, ou seja, seu autor não é único, mas são vários, e representa uma compilação dos desejos sociais, conjuntos de toda uma época<sup>5</sup>, um grupo, calcado nas idealizações e imaginação coletivas.

A Cocanha é uma crítica à realidade que esse(s) autor(es) estava(m) sujeito(s), ela é uma forte oposição aos pecados capitais (gula, vaidade, luxúria, ira, avareza, preguiça, inveja). Sua imagem traz a representação da pintura de Bosch<sup>6</sup> “*Os sete pecados capitais*”: ela vive essas condenações, mas não como pecados, e sim enquanto a normatividade da sociedade. Os avanços na cultura literária e artística dos séculos XII e XIII levam ao crescimento do conjunto de costumes, leis, normas e regras para organizar e ordenar a sociedade. Talvez por isso a necessidade de ter no imaginário popular a construção de um não lugar como a Cocanha onde tudo é permitido, seja na França, na Inglaterra ou no Brasil. A cocanha não é a terra do “era uma vez” (como na mitologia e nos contos de fada) ou do “Será uma vez” (como é comum nas utopias), ela pertence ao presente indefinido e efêmero do “é uma vez”. A cocanha pertence ao instante, no instante, é um “universo paralelo” (FRANCO JUNIOR, H., 1998, p. 233).

Além disto, a Cocanha é retomada (seja direta ou indiretamente) em outras produções culturais: *Peter Pan* e a terra do nunca, a *Carta do Achamento* de Pero Vaz de Caminha ao chegar ao Brasil, bem como *Passárgada*, de Manuel Bandeira, dentre outros.

Acreditamos que a literatura pode, de diversas maneiras, se manifestar em nossas pesquisas historiográficas e ser objeto para a compreensão de um período histórico, como o medieval. Também acreditamos que trabalhos futuros poderão ser desenvolvidos a respeito da minuciosa pesquisa de Hilário Franco Júnior (1998) sobre a Cocanha em paralelo a outros produtos culturais, outras fontes documentais. Esperamos também que esta apresentação da Cocanha possa servir de inspiração para sua utilização nas aulas de História sobre a Idade Média.

## REFERÊNCIAS

BOSH, Hieronymus. *Os sete pecados capitais*. Óleo sobre madeira, 120 x 150cm, 1480. Museu do Prado.

DUBY, Georges. ARIÉS, Philippe. *História da Vida Privada*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Nova Enciclopédia Ilustrada*. 1ª Ed. São Paulo: Publifolha, 1996.

5. Principalmente se considerarmos que a Idade Média é um período complexo que se estende por mil anos e que, portanto, não pode ser considerada como uma época única e homogeneia.

6. BOSH, Hieronymus. *Os sete pecados capitais*. Óleo sobre madeira, 120 x 150cm, 1480. Museu do Prado.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Os três dedos de Adão: ensaios de mitologia medieval*. São Paulo: Edusp, 2010

HUIZINGA, Johan. *O outono na Idade Média*. Estudo sobre as formas de vida e de pensamento dos séculos XVI e XV na França e nos Países baixos. São Paulo: Cosacnaify, 2010.

LE GOFF, Jacques. *O maravilhoso e o Quotidiano no Ocidente Medieval*. Lisboa: Edição 70, 1985.

LE GOFF, Jacques; SCHIMMITT, Jean-Claude. (Orgs.). *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol II, Bauru, SP: Edusc, 2006.

M. GBSON Bruegel, Paris, Nouvelles Editions Française, 1980.

VICENTE, Zé. Convite ao Compromisso. In: *Em nome do primeiro amor* – CEBI, Gravadora Paulus, São Paulo, 2019. 1 CD. (Edição comemorativa 25 anos CEBI). Faixa disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WFMWfdDvMMLY>. Acesso em 03 mar. 2021.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2004.

ZINK, Michel. Literatura. In: *Dicionário temático do Ocidente medieval*. Bauru- São Paulo: Edusc, 2002.

## **SOBRE A ORGANIZADORA**

**ALINE FERREIRA ANTUNES** - Doutoranda pelo Programa de pós-graduação em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Mestre em História pelo Programa de pós-graduação em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia pela Faculdade de educação São Luís. Bacharel e Licenciada em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Possui ampla experiência docente nos mais diversos níveis educacionais nas áreas de História, Língua estrangeira moderna (inglês) e em curso superior de Pedagogia. Tem pesquisas publicadas nas áreas de História, Comunicação, História em quadrinhos, Teorias raciais, História e gênero, História, memória e sensibilidades. Atualmente é professora de História efetiva da Secretaria de Educação do Distrito Federal (SEDF/GDF). Link para currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9327358239672893>.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Alteridade 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69, 70, 71, 72

### B

Beowulf 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 165, 166, 167

### C

Cinema 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115

Cocanha 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

### E

Economia 12, 14, 15, 20, 39, 42, 44, 45, 56, 57, 59, 60, 84, 86, 92, 96, 97, 104, 105, 169, 172, 173

Egito 116, 117, 121, 123, 126, 127, 128, 130, 131, 132

Entorpecentes 46, 48, 49, 53

Escassez de Água 81, 90

### G

Governo da Província 39, 44

### H

Hegemonia Neoliberal 95

História 1, 10, 12, 14, 28, 37, 39, 44, 45, 53, 56, 62, 71, 79, 81, 82, 93, 103, 106, 114, 115, 116, 132, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 147, 148, 149, 154, 155, 156, 157, 159, 161, 167, 168, 180, 182

História Ambiental 81, 82, 93

História Serial 141, 142

### I

Idade Média 157, 168, 169, 172, 173, 175, 180, 181

Identidade Nacional 51, 80, 142

Imperialista 33, 56, 57, 61

Indígenas 74, 77, 78, 79, 84

### M

Migração 14, 27, 90, 95, 108, 110, 114

Modelo Nomológico-Dedutivo 134, 137, 138, 139

Morte 75, 117, 124, 125, 126, 128, 131, 141, 142, 143, 145, 146, 147, 158, 159

## **N**

Nacionalismo 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 61, 142

## **P**

Presença Lusitana 149, 150, 151

## **T**

Testamentos 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147

Tráfico 46, 48, 49, 50, 51, 54, 55

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

# Pluralidade de Temas e Aportes Teórico-Methodológicos na Pesquisa em História 2